Guardião **DIGITAL**

GUIA PARA A ESCOLA

Cyberbullying: como a escola age

Orientações práticas para professores, coordenadores e gestores: como identificar, acolher, investigar, envolver as famílias e prevenir.



O cyberbullying acontece no celular, nas redes e nos jogos online, quase sempre fora do horário de aula. Mas **quem agride e quem sofre costumam estar na mesma escola**, e as consequências aparecem na sala: queda no rendimento, faltas, isolamento, medo.

A escola não precisa resolver tudo sozinha, mas não pode ficar de fora. Este guia reúne **o que cada pessoa da equipe deve fazer**, do professor que percebe o primeiro sinal até a direção que conduz o caso com as famílias.

Por **Fernando Lino** · Guardião Digital · especialista em educação e segurança digital

Por que o cyberbullying é assunto da escola

Os responsáveis são os primeiros educadores digitais dos filhos. Ainda assim, quando o caso envolve alunos da mesma escola, **a escola precisa intervir**: o que começa no grupo de WhatsApp ou no servidor do jogo continua no pátio, e o que acontece no pátio vira print à noite. A escola é também o lugar onde os alunos passam mais tempo juntos, e onde é possível educar todos os envolvidos.

O que é, e o que não é, cyberbullying

CARACTERÍSTICAS

- **Meio digital**: mensagens, redes sociais, chats de jogos, vídeos, montagens
- **Repetição e duração**: não é um episódio isolado, é um padrão
- **Intenção de ferir** e desequilíbrio de poder: grupo contra um, popular contra isolado
- **Sem horário nem lugar**: acompanha o aluno até o quarto, à noite
- **Potencial viral**: um print pode chegar à escola inteira em minutos
- Na maioria dos casos, quem pratica e quem sofre **já se conhecem** fora da internet. Perfis falsos e anonimato aumentam a sensação de impunidade

NÃO É CYBERBULLYING (MAS MERECE ATENÇÃO)

Uma briga pontual no grupo da turma, um xingamento isolado, uma discussão que se resolve. São conflitos que pedem mediação, mas **não abrem um protocolo de cyberbullying**. Diferenciar evita banalizar o termo e ajuda a dar a resposta certa a cada situação.

POR QUE ACONTECE

Quem agride muitas vezes busca se sentir forte e aceito pelo grupo, e ainda não desenvolveu a empatia. Quem sofre costuma ter menos rede de apoio, ser visto como "diferente" ou se destacar de algum modo. **Em comum: ninguém ensinou ferramentas para sair dessa situação.**

O que diz a lei brasileira

- **LDB, art. 12, inciso IX** (Lei 13.663/2018): é dever das escolas promover medidas de conscientização, prevenção e combate à violência, especialmente ao bullying
- **Lei 13.185/2015**: define o cyberbullying, pede assistência a quem sofre **e a quem pratica** e orienta a evitar a punição sempre que possível, priorizando a responsabilização e a mudança de comportamento
- **Lei 14.811/2024**: o bullying e o cyberbullying passam a ser crime no Código Penal, inclusive em jogos online
- **Lei 15.100/2025**: com o celular fora do recreio, muitos conflitos migram para a noite e os fins de semana. A escola precisa olhar também para o que acontece depois do portão

PROFESSORES

Os olhos que percebem primeiro

O professor convive com os alunos todos os dias e conhece o "normal" de cada um. Por isso, costuma ser o primeiro a notar quando algo muda. Na maioria das vezes, o cyberbullying é **a continuação digital de um bullying presencial**, e deixa rastros na sala de aula.

Nenhum sinal, sozinho, confirma um caso: muitas mudanças são próprias da idade. O que importa é a **mudança brusca** em relação ao comportamento habitual do aluno. Na dúvida, converse com outros professores e com a coordenação para ver se eles também perceberam.



SINAIS DE ALERTA NA ESCOLA

- Queda brusca de notas, atenção e concentração
- Faltas repetidas, dores de cabeça ou de barriga frequentes
- Isolamento no recreio, mudança repentina de grupo de amigos
- Pedir para mudar de lugar ou de turma, ficar sempre perto de adultos
- Explosões de irritação ou choro sem motivo aparente
- Reação exagerada, ou nenhuma reação, a "piadas" da turma
- Risadinhas, olhares e comentários quando o aluno entra ou fala
- Comentários que você ouve sobre grupos, prints ou jogos

QUANDO UM ALUNO TE CONTA

Contar exige coragem, e a primeira reação do adulto define se ele vai pedir ajuda de novo. Ouça até o fim, em local reservado, sem julgar e sem prometer segredo absoluto: explique que vai pedir ajuda a quem pode resolver.

✓ "Obrigado por confiar em mim. Você fez certo em contar."

✓ "A culpa não é sua. Vamos cuidar disso juntos."

× "Isso é bobagem, ignora."

× "Mas o que você fez para eles?"

O que fazer, e o que evitar, ao suspeitar de um caso

O papel do professor não é investigar sozinho nem aplicar punições: é **proteger, registrar e encaminhar rápido**. Quem conduz o caso é a coordenação, seguindo o protocolo da escola.

FAÇA

- **Não minimize.** O que parece "infantil" para o adulto pode ser devastador para o aluno. Avalie pelo impacto, não pela gravidade aparente
- **Proteja de imediato.** Se as agressões acontecem no intervalo, ofereça um espaço seguro por um tempo: perto da coordenação, da biblioteca ou com colegas de confiança
- **Registre fatos, não interpretações**: data, horário, palavras exatas, quem estava presente
- **Comunique a coordenação no mesmo dia**, por escrito
- **Guarde sigilo.** Fale do caso só com quem está envolvido na solução
- Continue atento à turma e **repasse novos sinais** à coordenação

EVITE

- **Resolver em público**, na frente da turma. Vira palavra contra palavra e pode provocar retaliação contra quem sofreu
- **Colocar frente a frente** quem sofreu e quem praticou, mesmo em particular, no início do caso
- **Pegar o celular dos alunos** para buscar provas. Os registros devem vir da família de quem sofreu
- **Julgar antes de ouvir.** Todo aluno tem direito de contar sua versão. Trate os envolvidos como "supostos" até a apuração
- **Comentar o caso** na sala dos professores ou em grupos de mensagem
- **Prometer segredo** que você não poderá cumprir

Ouvinte imparcial, não juiz

É natural querer proteger o aluno mais frágil. Mas a investigação só funciona se todos se sentirem ouvidos com respeito, inclusive quem é apontado como agressor. A firmeza vem depois, com os fatos na mão. E fale de comportamentos, não de rótulos: "o aluno que enviou as mensagens", não "o agressor". Rótulos grudam e dificultam a mudança.

E os jogos online?

Minecraft, Roblox, Free Fire e Fortnite são hoje um dos principais palcos de exclusão e perseguição entre alunos. Pergunte com curiosidade genuína: **"Com quem vocês jogam? Como é lá dentro?"** Muitas pistas aparecem nessas conversas.

Percebeu | Acolheu e protegeu | Registrou | Encaminhou no mesmo dia

Prevenir custa menos do que remediar



O cyberbullying começava por volta dos 14 anos. Com o acesso cada vez mais cedo a celulares, redes e jogos online, hoje aparece **aos 10 ou 11**. Por isso, a conscientização deve começar **no 3º e 4º anos**, antes de o celular fazer parte da rotina.

Mais do que palestras pontuais, funcionam atividades frequentes, em que os alunos **praticam a empatia** em situações do dia a dia digital deles.

Três atividades para levar para a sala

10 A 14 ANOS

Todo comentário conta

Mostre comentários fictícios em perfis e chats de jogos. Os alunos identificam os ofensivos, explicam como o outro se sentiria e **reescrevem** cada um de forma respeitosa.

12 A 16 ANOS

Agora é a sua vez

Simulações de situações reais em que o aluno é **testemunha**. Em grupos, decidem o que fazer: apoiar quem sofreu, não compartilhar, denunciar, chamar um adulto.

TODAS AS IDADES

Vamos falar sobre isso

Roda de conversa sobre como eles usam redes e jogos, o que já viram acontecer e **a quem recorreriam**. Pode ser feita também com as famílias.

O PODER DE QUEM ASSISTE

Na maior parte dos casos, há uma plateia: quem curte, ri, compartilha ou só observa calado. Ensinar os alunos a serem **testemunhas ativas** (não repassar, apoiar quem sofreu, em particular, avisar um adulto) é uma das estratégias mais eficazes de prevenção.

COMBINADOS DA TURMA

- Construa com a turma regras para o grupo de WhatsApp e para os jogos
- Inclua: **ninguém é excluído de propósito**, prints de colegas não circulam
- Retome os combinados quando surgir um conflito

COORDENADORES E GESTORES

O protocolo da escola em 8 passos

Nos primeiros dias, o que mais importa é **agilidade com cuidado**. Se a rede de ensino ou a mantenedora já tem um protocolo, siga-o. Se não tem, estes passos servem de base para criar o da sua escola.



1 Garanta a proteção — no mesmo dia

Reforce a supervisão nos intervalos, trajetos e trabalhos em grupo. Se precisar de um espaço protegido, que seja temporário e combinado com o aluno: **quem sofreu não pode ser quem perde o recreio.**

2 Preserve a privacidade

Só a equipe responsável pelo caso conhece os detalhes. Nada de comentários em corredores, reuniões gerais ou grupos.

3 Aja imediatamente

Priorize o caso, mesmo que isso exija reorganizar a agenda por algumas horas. A demora é lida por quem sofreu como descaso, e por quem praticou como permissão.

4 Tire a culpa de quem sofreu

Converse com calma e por mais tempo com o aluno. Evite perguntas que soem como acusação e a revitimização de fazê-lo contar a mesma história muitas vezes.

5 Reúna evidências

Dia, hora, palavras exatas. Prints vêm da família de quem sofreu. Faça as entrevistas **sempre em dupla**: dá seriedade e protege a escola de questionamentos.

6 Defina um responsável

Uma pessoa conduz o caso e sabe quem liga para cada família, quem entrevista quem e quando. Evite intervenções duplicadas e atrasos.

7 Medidas educativas primeiro

Com os fatos apurados, defina as medidas com as famílias. **A punição sozinha não resolve** (a própria Lei 13.185 pede para evitá-la sempre que possível). Prefira reparação do dano, tarefas em prol da comunidade escolar e acompanhamento.

8 Escola e famílias juntas

É o passo que traz soluções duradouras. Envolva as famílias de quem sofreu e de quem praticou, cada uma em seu tempo (veja a próxima página).

Como conduzir a conversa com as famílias

Sempre **pessoalmente, na escola**, com fatos concretos em mãos. Um telefonema serve para marcar o encontro, não para dar a notícia. Proximidade e contato visual mudam o tom da conversa.

FAMÍLIA DE QUEM SOFREU

Coloque-se no lugar deles: é o filho deles que está sendo maltratado. Explique o que aconteceu e **o que a escola já está fazendo**. Oriente:

- Não responder às agressões nem revidar
- Guardar prints e registros, bloquear e denunciar nas plataformas
- Ampliar o círculo de amizades com atividades fora da escola
- Manter uma conversa de confiança em casa, para o filho contar quando algo acontecer
- Buscar apoio psicológico se o sofrimento persistir

FAMÍLIA DE QUEM PRATICOU

Apresente os fatos de forma direta e objetiva. Para muitos pais, ouvir que o filho agrediu soa como um fracasso pessoal. Lembre que **pode acontecer em qualquer família** e que é uma oportunidade de o filho crescer em empatia e autocontrole. Oriente:

- Conversar com calma e entender o que motivou o comportamento
- Deixar claro que a família não aceita violência
- Aplicar em casa uma consequência ligada ao que foi feito
- Incentivar o pedido de desculpas e a **reparação do dano**



Se a família negar

É comum. Por isso as evidências devem estar organizadas **antes** da reunião. Mantenha o foco nos fatos e no futuro: o objetivo é que pare, não encontrar culpados.

O encontro entre as famílias

Quando os ânimos permitirem, proponha um encontro entre as famílias, **mediado pela escola**, uma família de cada vez. Na maioria dos casos, os dois lados querem a mesma coisa: que não se repita.

E o encontro entre os alunos?

Só mais adiante, se quem sofreu quiser e se sentir seguro, com um mediador preparado em práticas restaurativas. Nunca como “acareação”.

Quando não há provas, e quando chamar a rede

CASO SEM PROVAS CONCLUSIVAS

Nem sempre é possível confirmar. Nesses casos, **mantenha o caso aberto** e o cuidado redobrado:

- Conversas curtas e frequentes com o aluno para saber como está
- Professores avisados para observar intervalos e trabalhos em grupo
- **Retorno semanal à família**, para que perceba que a escola leva o caso a sério

ACIONE A REDE DE PROTEÇÃO

- **Conselho Tutelar**: maus-tratos envolvendo alunos e faltas reiteradas devem ser comunicados (ECA, art. 56)
- **Delegacia**, de preferência especializada: ameaças graves, chantagem, divulgação de dados pessoais
- **Saúde**: sofrimento intenso, isolamento grave. Se o aluno falar em sumir, não ver saída ou se machucar, **chame a família no mesmo dia** e oriente atendimento (CVV: 188)
- **SaferNet Brasil**: orientação e denúncia de crimes na internet

Imagens íntimas: atenção redobrada

- **Nunca peça para ver, não salve, não "printe" e não encaminhe.** Guardar ou repassar imagem íntima de menor de 18 anos pode ser crime, mesmo com boa intenção
- Registre só **onde está**: link, perfil, grupo, data. Acione a família e a polícia
- Para remover: denúncia na própria plataforma e a ferramenta **Take It Down** (em português), que bloqueia a imagem nas redes parceiras sem enviá-la a ninguém
- Com o aluno: calma e nenhuma culpa. **"É um problema que tem solução."** Acompanhamento psicológico nas semanas seguintes

Checklist da escola preparada

- [ ] Protocolo de bullying e cyberbullying **escrito** e conhecido por toda a equipe
- [ ] Pessoa de referência definida para conduzir os casos
- [ ] Canal para alunos e famílias relatarem situações, inclusive de forma reservada
- [ ] Modelo de registro de ocorrência (fatos, datas, envolvidos, medidas)
- [ ] Contatos da rede local mapeados: Conselho Tutelar, delegacia, saúde
- [ ] Formação anual dos professores e atividades de prevenção no calendário, a partir do 3º ano
- [ ] Encontros de orientação para as famílias sobre redes e jogos
- [ ] Revisão do protocolo a cada ano, com o que se aprendeu nos casos

Guardião **DIGITAL**

PARA A SUA ESCOLA

Prevenir o cyberbullying também se ensina

Protocolos resolvem casos. O que diminui o número de casos é educação digital constante, desde os primeiros anos. É isso que a **Jornada Guardião Digital** leva para as escolas parceiras.



Fernando Lino com uma turma de escola parceira.

- **Projetos em sala, do 1º ano ao ensino médio**, com roteiro de aula pronto para o professor. Desde "mensagens maldosas" no 1º ano até projetos como *Vou Te Adicionar no Grupo!*, *Bem-vindo ao Servidor*, *Perfil Fake* e *Do Meme ao Ódio*
- **Jogos e materiais físicos** em que o aluno decide, erra e conserta, sem receber a resposta pronta
- **Formação dos professores** e acompanhamento ao longo do ano
- **Famílias junto**: Pílulas com o nome da escola e webinars de parentalidade digital
- **Campanhas sob medida**, como a campanha antibullying *"Eu vi. E agora?"*, criada para uma escola parceira

Quer ver como isso funcionaria na sua escola?

Me chama no WhatsApp. Te mostro como é uma aula da Jornada por dentro e te conto como as escolas parceiras trabalham temas como este, sem alarmismo.

WhatsApp (32) 99134-8234

guardiao.education

Aponte a câmera

Fernando Lino · fundador do Guardião Digital · mestre em Educação (Universidade de Tartu) · @soufernandolino